

Resenha

ERA UMA VEZ UM ALFERES E OUTRAS HISTÓRIAS

CARVALHO, Mário de. *Era uma vez um alferes e outras histórias*. São Paulo: Cia das Letras, 2008, 307p.

Flavio García
Universidade do Estado do Rio de Janeiro/UERJ
flavgarc@gmail.com

Era uma vez um alferes e outras histórias é a estréia, no mercado editorial brasileiro, do contista português Mário de Carvalho, que, em 2005, com *Era bom que trocássemos umas ideias sobre o assunto* (São Paulo: Cia das Letras) e, em 2006, com *Um Deus passeando pela brisa da tarde* (São Paulo: Cia das Letras), já estreara como romancista.

Era uma vez um alferes e outras histórias, conforme adverte o Editor brasileiro, “reúne os contos originalmente publicados em *Casos do Beco das Sardinheiras* (1982), *Os alferes* (1989) e *Quatrocentos mil sestércios seguido de O conde Jano* (1991)”. *Casos do Beco das Sardinheiras*, teve sua primeira edição em 1982 (Lisboa: Veja) e conta com várias reedições e reimpressões, sendo a mais recente de 2004 (Lisboa: Caminho); *Os alferes*, publicado em 1989 (Lisboa: Caminho), reúne contos antes já publicados esparsamente ou em outras antologias do autor; *Quatrocentos mil sestércios seguido de O conde Jano* foi publicado em 1991 (Lisboa: Caminho).

O título da edição brasileira – *Era uma vez um alferes* – advém de um dos contos de *Os alferes*, publicado isoladamente em 1984 (Lisboa: Rolim). *Os alferes* se compõe de três narrativas: “A última cavalgada”, “Há bens que vêm por mal” (já anteriormente publicado em *Contos Soltos*, Lisboa: Quatro Elementos, 1985 – título jamais reeditado ou reimpresso, do qual quase não se tem notícias nas histórias literárias e na bibliografia do autor.) e “Era uma vez um alferes”. A unidade do volume se dá pela presença, nas três narrativas, da(s) personagem(ns) alferes, envolvida(s) ou nas guerras de África (“A última cavalgada” e “Era uma vez um alferes”) ou no Timor (“Há bens que vêm por mal”). Nesses relatos, o autor problematiza a história recente de Portugal e suas relações com as ex-colônias, refletindo, ainda, mesmo que de maneira indireta, sobre sua própria biografia, como ele mesmo admite em entrevista dada à Revista *Ler* (“Alguma coisa me perturba” In: *Ler* nº 34. Lisboa: Círculo de Leitores, 1996, p. 38-49.), ao comentar que, quando saiu da prisão, uma vez que fora preso pelo regime salazarista, acusado de ações subversivas, “soube, por via

muito segura, que estava destinado à Companhia Disciplinar de Penamacor, para onde eram remetidos todos os cadastrados de delito comum (...). Também muitos presos políticos passaram por lá. Iam como soldados rasos e as funções na Guerra Colonial eram as mais perigosas: desmontagem de minas e coisas desse gênero”. Na altura, Mário de Carvalho “achou que era de mais e resolveu sair do País”. Mas sua personagem em “Era uma vez um alferes” age diferentemente do autor, que “esteve exilado em França e Suécia, regressando após o 25 de Abril de 1974”, que o surpreendeu na Suécia. A personagem carvalhiana lamenta não ter fugindo em exílio e ter acabado ali em África – “Maldita Nhambire, maldita África. África das cores fortes, da imundície, das doenças podres, da crueldade tão animalesca, quase inocente.” –, segundo informa o narrador: “O alferes não queria, não queria estar ali. E mais uma vez se recriminava por não ter desandado para Paris como outros, pela ingenuidade de se deixar vir para onde vinha o povo, para enquadrar o povo fardado. O seu dever...”. Dos três livros originários que compõem a edição brasileira de *Era uma vez um alferes e outras histórias*, este apresenta notável singularidade em relação aos demais, afastando-se da poética do insólito que permeia quase toda a narrativa curta do autor, conforme se verifica, por exemplo, em *Contos da sétima esfera* (Lisboa: Vega, 1981) e *A inaudita guerra da Avenida Gago Coutinho e outras histórias* (Lisboa: Rolim, 1983), além, é claro, de *Caos do Beco das Sardinherias e Quatrocentos mil sestércios seguido de O conde Jano*.

Quatrocentos mil sestércios seguido de O conde Jano é a reunião de duas únicas narrativas, ambas anunciadas no próprio título do volume originário, que se referem aos períodos antigo e medievo, ficcionalizando relações da portugalidade. Em “Quatrocentos mil sestércios”, a história se passa em Olisipo, com o que o autor resgata a ancestral fase românica da capital lusitana, forjando origens helênicas, por assim dizer, para a nacionalidade portuguesa. Em “O conde Jano”, como admite o próprio escritor, a história é baseada “num antigo rimance popular”, do qual se encontram várias versões “nos romanceiros de Garrett e Teófilo”, lá nomeadas por “‘Conde Alberto’, ‘Conde Alves’, ‘Silvana’, ‘Conde Alarcos’, ‘Conde Yanno’, ‘Conde Iano’, etc.”, mas que preferiu “chamar-lhe ‘O conde Jano’.” A intertextualidade que essas narrativas estabelecem com textos da História, em sentido lato, é muito clara, desconstruindo, pela via do inusitado, do inesperado, do inaudito, portanto do insólito, versões assentes na tradição e na memória históricas portuguesas, para ressignificar valores. Em comparação direta com os relatos de *Os alferes*, cabe realçar o recurso à poética do insólito, quase ausente nos episódios de África ou Timor que compõem a trama das narrativas daquele volume, à exceção de um insólito absurdo – de todo surpreendente – que se pode apontar em “Era uma vez um alferes”. Trata-se de um Mário de Carvalho no entre-lugar da história e da ficção, fugindo do sistema literário real-naturalista, já antes muito utilizado para abordar temas históricos, e recorrendo a estratégias de construção narrativa correlacionáveis ao Fantástico, ao

Realismo Maravilhoso, ao Absurdo, como ferramentas de desconstrução/reconstrução da identidade nacional portuguesa.

Casos do Beco das Sardinheiras é singular. Todas as suas onze narrativas, emolduradas por um Prólogo de fundamentação real-naturalista e um Epílogo explicitamente inusitado, têm eventos insólitos não ocasionais como seus móveis e apresentam marcas da banalização do insólito por parte do narrador e das personagens. Bocejando distraidamente, Andrade da Mula engole a Lua; Tareca, agatinha, dá à luz apenas um filhote, que crescerá para além do normal, terá por gosto devorar fardados e terminará em terras de Espanha alimentando-se de guardas civis; sem explicação segura, uma corda pende do céu e lá fica sobre o Beco, até, igualmente sem explicação, desaparecer; os homens da Companhia, que escavavam próximo ao Beco para reparar um cano, esbarraram numa pedra preta, do tamanho de uma mão, que nenhum homem conseguia mover, mas o pequeno Pedrinho, sem esforço tira-a e repõe-na no lugar como Artur fizera com Excalibur; brincando no quarto da gateira, o menino Pedro e seus colegas movem um volante que faz cair céu um torneira d'água, destruindo o calçamento do Beco, o que só cessa quando tornam o volante à posição anterior; Marina Moita e Zeca da Carris compram uma máquina de costura de segunda mão que, estranhamente, gela tudo à volta e acaba servindo de frigorífico; Quim Ambrósio toma uma pancada em lado da cabeça e passa a não entender o que falam em português e, como remédio, dão-lhe uma pancada no lado oposto, e ele passa a entender mas a falar em outra língua que ninguém entende; Lecas Pasteleria acorda assombrada por uma nuvem que chove e relampagueia sobre ela, em seu socorro, todos perseguem a nuvem que, presa em um balde, acaba enterrada, ligam um cano com bica ao balde, e transforma-se em um chafariz, que a Companhia d'águas quer encerrar por não ser legal; Tó Valente dá a seu tio Bento, recém viúva e vindo com ele morar, um trombone para o entreter, mas o trombone, sempre que tocado, suga e engole, fazendo desaparecer, tudo à volta; uma caixa dos Correios abre passagem estranhamente para outro lugar, sugerido ser a parte contrária do mundo, de onde vem um pequeno chinêsinho; um padre alentejano faz experiências fora da ordem e da normalidade, alterando a rotina – já nada rotineira – do Beco. São onze casos sem pé nem cabeça, se lidos a partir da lógica exterior às narrativas, mas cuja verossimilhança narrativa interna é exemplar. Como adverte a personagem-narrador ao final do Prólogo, “de resto, o que acontece no Beco das Sardinheiras não difere do que se passa noutro lado qualquer, desde Benfica à Ajuda. A questão é estar-se atento, abrir-se bem os olhos.”

Enfim, ler *Era uma vez um alferes e outras histórias*, recém publicado no Brasil (2008), é adentrar o vasto e diversificado universo da narrativa curta de Mário de Carvalho e, estando atento e de olhos bem abertos, deparar com um conjunto orgânico e sistêmico surpreendente, ainda que

sempre se espere o encontro com o insólito, já que o narrador carvalhiano não conduz o leitor pela mão aonde o que levar, mas lhe diz “sei por onde vou, vou por aqui... e, querendo, vem comigo”. E se o leitor não quiser, não lhe restará escolha, pois os labirintos construídos por Mário de Carvalho não têm saídas fáceis, aliás, talvez nem mesmo tenham saída.